

¹CARTOGRAFIA CULTURAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Yago Jacondino Nunes¹

yagojacondino@gmail.com

Odlaner Terra Pereira²

odlaner1999@gmail.com

Rafael Martins Duarte³

rafael.duarte@ufpel.edu.br

Rosangela Lurdes Spironello⁴

spironello@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo trazer para o conhecimento o diagnóstico obtido pelos pibidianos realizado na escola Nossa Senhora das Graças, parceira do pibid e apresentar os eixos articuladores da temática a ser desenvolvida como proposta de atividade para o ano de 2019. A partir da aplicação do questionário, obteve-se como respostas algumas demandas que culminaram numa temática central denominada de Geografia Cultural. Desta temática central tem-se articulado algumas atividades a partir da cartografia cultural, tendo os mapas mentais como articuladores dessa discussão. Com o desenvolvimento desta proposta, pretende-se contribuir com o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando o aprofundamento do conhecimento geográfico, a valorização da diversidade cultural e do lugar, o sentimento de pertencimento e a percepção do querer aprender.

Palavras-chave: identidade, lugar, espacialidade.

INTRODUÇÃO

¹ Estudante de Graduação 3º semestre do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Geografia.

² Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Geografia.

³ Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Geografia.

⁴ Pós-doutorado pela Universidade Federal de Goiás, professora da Universidade Federal de Pelotas e coordenadora do curso de Geografia da UFPel e do PIBID Geografia.



O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é um programa que insere os alunos dos cursos de licenciaturas nas escolas, onde desenvolverão diversas práticas e recursos didáticos, afim de orientar e formar com diferentes métodos e estratégias de ensino para com os alunos e professores da educação básica.

O Pibid Geografia, da Universidade Federal de Pelotas, em 2018, dá continuidade em mais um dos editais da CAPES, inserindo-se assim, num total de três escolas do ensino fundamental no município de Pelotas-RS. Nesse contexto, para este artigo, pretende-se trazer a proposta de trabalho que vem sendo construída com a Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora das Graças, localizada no centro de Pelotas. Esta escola foi selecionada, atendendo aos critérios estabelecidos no edital, em conjunto com as coordenadorias de ensino.

No contexto da inserção dos pibidianos na EEEF Nossa Senhora das Graças, somos um grupo de pibidianos, da Geografia Licenciatura que tem como objetivo desenvolver projetos/propostas que buscam interações entre a teoria e a prática no Ensino de Geografia. Desta forma, para este artigo pretende-se apresentar aspectos gerais do diagnóstico elaborado na escola, com os alunos, professores e direção e as demandas definidas a partir de um tema central, denominado de “Geografia Cultural”. A partir deste tema, pode-se identificar algumas frentes de trabalho que focaram aspectos da cultura, identidade e representação, em que denominamos de Cartografia Cultural. Estes temas serão desdobrados nas seções a seguir. Consideramos que os temas elencados são de relevância social e que poderão trazer contribuições significativas para o processo de ensino aprendizagem em Geografia na educação básica.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha da Geografia Cultural como tema da nossa proposta central, veio para atender as necessidades dos estudantes em que apontaram no diagnóstico realizado, questões importantes que abordaram a falta de identificação e pertencimento no espaço escolar, poucas perspectivas futuras em relação aos estudos, entre outras questões. Nosso objetivo não é esgotar o tema Geografia Cultural e tão pouco explorar demasiadamente o conceito, mas nos apropriarmos das suas contribuições para pensarmos propostas e ações que derivam das suas discussões para a construção e aprofundamento do conhecimento geográfico no ambiente

escolar, valorizando com isso, a diversidade, identidade e o pertencimento dos sujeitos nesse local, como já mencionado.

Assim, pensou-se em buscar junto a Geografia Cultural trazer o conjunto de conhecimentos, obtidos previamente pelos estudantes e realizar intervenções que pudessem agregar ao conhecimento do aluno, propiciando que estes se sintam parte do espaço em que vivem e interagem.

Nesse contexto, para entendermos as contribuições da Geografia Cultural, trouxemos uma fala de Claval (2011, p.16) que nos diz:

A cultura é o conjunto de práticas, conhecimentos, atitudes e crenças que não é inato: eles são adquiridos. Daí o papel central dos processos de transmissão, de ensino, de aprendizagem, de comunicação na Geografia Cultural: a natureza e o conteúdo da cultura de cada indivíduo refletem os meios através dos quais ele adquiriu as suas práticas e os seus conhecimentos.

E para essas relações sócio-espaciais, serem desenvolvidas dentro de um determinado espaço (neste caso definido como espaço escolar) e nele existir interações, se deve considerar alguns aspectos que nos remetem aos conceitos geográficos como: espaço, lugar, território e paisagem, os quais apontam elementos de uma identidade sócio-cultural do local aonde são desenvolvidas essas relações (SANTOS, 2017).

Nesse contexto, com base no autor acima citado, podemos reafirmar que os indivíduos sempre mantiveram uma relação de afinidade com o território que habitam. Isso se deve a necessidade que os humanos têm de “enraizamento”, ou seja, de se sentirem pertencentes a um local. Logo, o vínculo com o lugar, constitui-se de forma coletiva, aonde existe uma grande diversidade entre os sujeitos/alunos, ficando a cargo da escola realizar essa ligação e interação, realizando uma ponte para ligar os demais conhecimentos. Como esclarece Libâneo (2015, p. 17): “a escola é um lugar de formação cultural e científica dos alunos em articulação com a diversidade social e cultural, por um processo ensino-aprendizagem centrado na formação de processos psíquicos visando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos estudantes”, permitindo que a pluralidade de ideias e ações façam parte da construção do conhecimento nesse ambiente escolar.



Logo, fica evidente que o conjunto de conhecimentos, mediados pela escola, constituintes do processo de ensino-aprendizagem, deve contemplar dentre alguns fatores, a cultura e a sabedoria popular de maneira profícua, e não apenas tornar exclusivo o conhecimento científico. Assim, há uma reinvenção do espaço, tendo em vista toda influência que o corpo escolar contribui para organização da escola, que transformam aquele ambiente em um espaço sociável, trazendo diversidade pelos diversos tipos de culturas trazidas e incorporadas de fora, com a identificação de territórios próprios, à medida que contribui para a estruturação da personalidade de cada um.

Por meio do conhecimento dos estudantes e das práticas que serão realizadas é importante valorizar a autonomia das ideias, e que por meio de propostas e temas possam refletir e compartilhar suas descobertas e avanços.

Nas considerações de (HALL, 1997), este afirma que toda ação social é cultural. Nesse sentido, compreendemos que a escola é detentora de ações sociais e dentro desse espaço são estabelecidas diversas relações entre os próprios discentes, e deles com o restante da estrutura, assim desenvolvendo a cultura local no ambiente escolar. Logo, pode-se dizer que a cultura juvenil tem essa característica de moldar a localidade na qual ela se situa. Assim, Pais (1993, p.96), corrobora com a afirmação, dizendo que: “as culturas juvenis, para além de serem socialmente construídas, têm também uma configuração espacial” as quais se mostram a partir das práticas espaciais em comum.

A Geografia escolar ao considerar as relações espaciais existentes, os espaços construídos e vividos no cotidiano dos alunos, pode orientar os jovens a perceberem-se como protagonistas da sua realidade, tecendo relações identitárias, possibilitando assim, uma formação crítica. Como destaca (TURRA NETO, 2013, p. 20):

...seria uma possibilidade de trazer a Geografia para próximo dos sujeitos, seria preenchê-la de significado para o jovem que a estuda, pois, a partir daí ele poderia estar se entendendo num quadro de relações e práticas sócio-espaciais, situando-se de forma mais reflexiva no mundo e no lugar. Seria, enfim, uma possibilidade ainda inexplorada de realizar uma ponte entre um saber informal, da rua, e o saber formal da escola, ambos se enriquecendo mutuamente.

É importante destacar ainda que a proposta aqui apresentada, busca na BNCC o suporte e orientação para a realização das atividades que foram pensadas a partir da temática central. Nesse sentido, este documento orienta o seguinte para as competências:

Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico- - informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão (BNCC, 2018, p. 355)

METODOLOGIA

No dia 27 de setembro de 2018 foi realizada a primeira visita na Escola Nossa Senhora das Graças, local onde o grupo viria a desenvolver os projetos e pesquisas. Já no primeiro dia, percorremos todas as salas da escola, conhecemos a estrutura e organização do espaço escolar e conhecemos os estudantes, corpo docente e os demais funcionários.

Nesse processo de conhecer o ambiente escolar, foram elaborados questionários para obter o diagnóstico da realidade escolar, diagnóstico este que foi realizado de maneira qualitativa e aplicados para os alunos, professores de Geografia e direção da escola.

Com base nisso, Gerhardt (2009, p. 32) esclarece que:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Ao decorrer das visitas do grupo na escola, nos aproximamos dos alunos para conhecê-los melhor, isto é, para que fosse possível elaborar um questionário para conhecer a situação econômica, familiar, escolar e suas impressões sobre a disciplina de Geografia. O questionário foi aplicado em todas as turmas do 5º ao 9º ano, tendo participado um total de 36 alunos (vale destacar que as turmas possuem um número pequeno de alunos matriculados). Todavia, antes do início da aplicação, os integrantes do grupo desenvolveram uma atividade, cuja intenção foi



de criar um entrosamento, para que no decorrer das demais atividades os alunos se mostrassem mais participativos para as práticas que seriam realizadas.

A atividade que elaboramos para realizar essa conexão foi constituída por algumas perguntas que foram inseridas numa pequena caixa. As perguntas abordavam o cotidiano dos estudantes e a disciplina de Geografia. Inicialmente, foi sorteado um aluno para retirar uma pergunta e responder. Em seguida, o aluno teve de indicar outro para prosseguir com a atividade. A realização da atividade permitiu que houvesse uma maior descontração dos alunos e aumento do entrosamento dos pibidianos com as turmas. Ademais, percebemos que alguns alunos possuem dificuldade na leitura. Todas as repostas obtidas entraram para o diagnóstico da escola.

Em seguida, foi possível aplicar um questionário dissertativo. Esse foi constituído por dezenove perguntas sobre a realidade escolar e social dos alunos. O questionário objetivava conhecer os alunos para que pudéssemos planejar, a partir daí atividades que caminhassem ao encontro das demandas identificadas.

Através dos questionários dos alunos, buscamos observar alguns fatores como: perfil dos alunos (idade e gênero), deslocamento até a escola, com quem vive, se o estudante trabalha, o que faz em seu tempo livre, o que gostaria de ter/mudar na escola e seus aspectos positivos, se tem acesso à internet e os conteúdos que mais gostam de aprender ou que gostariam de aprender.

Também foi aplicado o questionário aos professores de Geografia e direção da escola. Na aplicação do questionário aos professores tivemos um total de 3 entrevistados aonde responderam um total de onze perguntas. Suas respostas foram respondidas em forma de entrevista. Na elaboração dos questionários dos professores, nos preocupamos em perguntar sobre as dificuldades encontradas em suas turmas, suas resistências em aprender certos conteúdos, a relação que os alunos possuíam entre si, e a participação dos responsáveis com a escola.

A entrevista da diretora aconteceu de forma similar. Esse questionário constituiu-se de catorze perguntas, as quais tinham como objetivo, responder sobre o funcionamento da escola, sua relação com os órgãos supervisores (CRE) e entre a comunidade escolar. As repostas obtidas com o diagnóstico foram analisadas, conjuntamente com os comentários dos alunos.

Observamos durante a aplicação do questionário, que muitos alunos não possuem um sentimento de pertencimento com a escola. Também percebemos que a maioria associa a Geografia apenas à cartografia, deixando transparecer que eles não conseguem relacionar os conteúdos trabalhados na disciplina com aspectos do seu cotidiano. Por isso a definição da cartografia cultural como um dos eixos a ser trabalhado dentro da escola, de forma que possa abranger aspectos de localização, pertencimento, identidade, apontados nos questionários.

CONHECENDO O AMBIENTE ESCOLAR

A Escola Nossa Senhora das Graças foi fundada em 1956, pelo Padre Balduino Rambo, porém, naquele momento recebeu o nome de Escola Particular Nossa Senhora das Graças. Atualmente está localizada na zona central de Pelotas-RS. A escola possui um total de 85 alunos matriculados. Dispõe de uma infraestrutura composta, por cinco salas de aula, sala de recursos, sala de direção, secretaria, sala de professores, refeitório e banheiros para alunos e outro para professores.

A escola possui vários problemas estruturais (janelas quebradas, infiltração, goteiras, etc..). Além disso, a instituição sofre com a falta de funcionários, fazendo com que alunos de diferentes anos tenham que compartilhar a mesma sala de aula por falta de professor. Problemas estes que não são exclusivos da escola, pois a realidade da educação brasileira aponta par inúmeros outros, que acabam não sendo benéficos para a formação e qualificação dos alunos.

O prédio em que a escola funciona é alugado, pertencente à igreja católica. Dessa forma, pode-se perceber que existem muitos símbolos religiosos que remetem a essa religião. A escola possui uma biblioteca, a qual, atualmente, se encontra desativada, devido à falta de funcionários. Ao lado desta, há uma sala de computadores, sendo-nos informado que todos os aparelhos encontram sem funcionamento, embora já tenham sido feitas solicitações, não ocorreu à visita de um técnico para sanar os problemas.

É uma escola com uma realidade social com carências e dificuldades em vários aspectos. Contudo, apesar desses problemas, a diretoria da escola e o corpo docente se empenham para ofertar uma melhor condição de aprendizagem para os alunos, desenvolvendo atividades complementares.

PROPOSTA A SER DESENVOLVIDA NA ESCOLA E CONSIDERAÇÕES



Quando se pensou em uma proposta que pudessemos desenvolver na escola, com os alunos do ensino fundamental, pensou-se em uma experiência que pudesse agregar, de forma lúdica e não menos importante, de maneira crítica. Nesse contexto, o que iremos apresentar nesta seção é uma proposta planejada e elaborada para ser desenvolvida durante o ano de 2019, com os alunos dos 6º e 7º anos do ensino fundamental.

Nesse contexto, a partir do diagnóstico aplicado na escola, obtivemos respostas bem interessantes que nos conduziram à uma temática central definida como Geografia Cultural. Desta ideia e conhecendo as demandas e particularidades dos alunos, definiu-se como uma temática conexa, definida de Cartografia Cultural, a qual será relatada a partir dos seguintes momentos:

Momento 1: Inicialmente será trabalhado com os alunos alguns conceitos, com o uso de recursos didáticos para realizar uma melhor apropriação desses conceitos geográficos como lugar, orientação e espacialização dos alunos. Juntamente a esses conceitos trabalharemos identidades sócio-culturais e a relação dos alunos com o espaço local. Assim, a questão que se coloca é como o espaço geográfico, na sua dimensão de lugar, influencia na vida dos jovens que aderem a culturas juvenis des-re-territorializadas? (HAESBAERT, 2004).

Momento 2: No decorrer das atividades serão trabalhadas várias questões como: a falta de pertencimento, falta de perspectivas futuras e a presença de símbolos religiosos na escola e o contexto destes se inserirem ali. Dessa maneira, a proposta tentará suprir as principais necessidades dos estudantes, desenvolvendo seu conhecimento prévio e trazendo o saber empírico para o que será desenvolvido.

Momento 3: Seguindo essa linha de raciocínio, é importante destacar que as crianças ao aprenderem a ler mapas, decodificar simbologias, estabelecer relações e conexões, podem trazer para o contexto sócio-espacial local as diferentes realidades e provocar transformações expressivas, no pensamento espacial. Assim, pretende-se instigar o aluno para possibilitar também o desenvolvimento do pensamento espacial e raciocínio geográfico, os quais possibilitam “Hoje, a multiplicidade, a sobreposição territorial e a ausência definida de fronteiras, ampliam as questões do controle do poder na realidade geográfica, em todas as escalas” (ROCHA 2008).

Contudo, a cartografia terá como função principal no projeto, propiciar que os alunos desenvolvam sua espacialização e juntamente a ela uma visão cultural daqueles locais estudados. Assim como nos diz a autora Oliveira (2010, p. 16):

O mapa sempre foi um instrumento usado pelos homens para se orientarem, se localizarem, se informarem, enfim, para se comunicarem. O mapa é usado pelo cientista e pelo leigo, tanto em atividades profissionais como sociais, culturais e turísticas. O mapa é empregado pelo administrador, pelo planejador, pelo viajante e pelo professor. Todos, de alguma maneira, em algum momento, com maior ou menor frequência, com as mais variadas finalidades, recorrem ao mapa para se expressarem espacialmente.

A proposta terá o suporte da BNCC, a qual nos instrui no processo de ensinar em cada ano. Sendo assim e de acordo com as orientações de aprendizagem propostas pela BNCC, a atividade foi pensada de uma perspectiva que contemplasse as orientações da Base. A essência do projeto será trabalhada na construção de um mapa mental, pois conforme destaca Nascimento e Ludwig (2015, p. 40):

Os diversos produtos cartográficos, como mapas, maquetes, imagens aéreas entre outros, podem auxiliar os estudantes a entender melhor diversos conteúdos da Geografia Escolar a partir da localização de objetos geográficos e análise de variáveis e fenômenos em sua dimensão espacial. Considera-se, assim, que a espacialização de informações fornecida pela Cartografia é um importante instrumento metodológico para minimizar a abstração de determinados conhecimentos da disciplina de Geografia.

Momento 4: Esse mapa mental terá como principal finalidade, que os alunos reconheçam os acessos públicos, o caminho de sua casa até a escola, locais de culto e pontos turísticos. Essa proposta é assinalada aqui por percebermos que grande parte dos estudantes moram em áreas periféricas, mostrando ‘vergonha’ de expor seu local de moradia e dificuldades em saber direcionar sua casa ou até mesmo em identificar pontos públicos próximos de sua casa.

Por isso, inseri-los no contexto da representação, valorizando esses espaços, possibilitará uma percepção de maior pertencimento nos lugares de convívio social. Em outras palavras, os alunos serão orientados a elaborarem mapas mentais do entorno e do espaço escolar, identificando pontos que são significativos a eles e problematizarmos os espaços



considerados vazios ou não visibilizados. A partir deste recurso didático elaborado, será possível identificar tais espaços, os quais servirão de referência para promover o debate sobre a formação de uma identidade local. Aonde entregaremos uma folha para cada estudante e iremos auxiliar a elaboração do mapa mental, aonde buscaremos juntos aos estudantes reconhecer os principais locais destacados em seus mapas.

Momento 5: Na sequência, os alunos junto aos pibidianos, irão criar trajetórias com a turma, aonde identificarão as áreas de acesso público (postos de saúde, praças públicas, bibliotecas e centros religiosos), e centros atrativos dentro da cidade, podendo com isso, estabelecer conexões e diálogos sobre o que e quanto conhecem sobre sua cidade e o lugar aonde moram.

Momento 6: Abordaremos a diversidade cultural daquele local, junto a sua história e meios de acesso aos locais que nem sempre são instigados a visitação, mostrando por exemplo, a faculdade e o papel desenvolvido por ela, fazendo com que os alunos se sintam instigados a continuar seus estudos e expandir suas perspectivas.

Momento 7: Como passo seguinte, iremos escrever relatos junto aos estudantes, sobre experiências vividas naqueles locais identificados pelos alunos, para assim anexar essas histórias nos mapas, fazendo com que desenvolvam a percepção de maior pertencimento nos ambientes representados por eles.

Com o esforço e envolvimento esperado de cada turma, será desenvolvido o projeto, o qual ficará exposto na escola com os resultados alcançados, sendo o mapa e os registros elaborado por cada turma.

Esta proposta pretende deixar o registro para livre acesso aos atuais estudantes e futuros, os quais poderão conhecer e obter informações sobre os temas trabalhados naquele ambiente escolar, como as questões referentes ao lugar, pluralidade religiosa e o entendimento de saber respeitar a diversidade existente, seja ela constituída de caracteres culturais, sociais ou religiosos.

Por fim, destaca-se que esta atividade é uma proposta de ensino, cujo objetivo é trazer novas práticas metodológicas para dentro da escola. Buscaremos através de interações entre a Geografia cultural e a cartografia, propiciar o sentimento de pertencimento e identidade local. Com as práticas propostas espera-se contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando o aprofundamento do conhecimento geográfico, a valorização da diversidade cultural e do lugar, o sentimento de pertencimento e a sensação de querer aprender.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um Balanço. **Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911> Acesso em: 22 fev. 2019

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de Pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: Rosendahl, Z.; Corrêa, R. L. (Orgs.) **Manifestações da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999. p. 169-190.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, n.º2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LIBANEO, J. C. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46132/33422> Acesso em: 09 mar. 2019

NASCIMENTO, E.; LUDWIG, A. B. A educação cartográfica no ensino-aprendizagem de Geografia: reflexões e experiências. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 19, n.3, set./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/15535>. Acesso em: 25 fev. 2019

OLIVEIRA, L. de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa.** IN: ALMEIDA, Rosângela Doin de. Cartografia Escolar. (organizadora) 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

ROCHA, J. C. Diálogo entre as categorias da Geografia: espaço, território, paisagem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 9, n. 27, p. 128 - 142, set. 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15724>. Acesso em: 22 fev. 2019

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e educação na geografia cultural. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 106-113, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8090/5875>. Acesso em: 25 fev. 2019



DOS SANTOS, F.; FECHINE, José A. L. A cartografia escolar e sua importância para o ensino de Geografia. **Caderno de Geografia**, [S. l.], v. 27, n. 50, p. 2318-2962, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/p.2318-2962.2017v27n50p500/11762>. Acesso em: 15 mar. 2019

DOS SANTOS, Ingrid. Cartografia Cultural: Uma Proposta de Valorização da Identidade no Sertão do São Francisco. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2017. p. 1-9.

A SILVA, C. L. Espaço, Cultura e Ensino de Geografia: investigando e ensinado sobre a formação socioespacial brasileira através das manifestações culturais. In: XVIII CONGRESSO NACIONAL DE GEÓGRAFOS - A CONSTRUÇÃO DO BRASIL: GEOGRAFIA, AÇÃO POLÍTICA E DEMOCRACIA, 18., 2016, São Luiz. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], 2016. p. 1-10. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/site/anaiscomplementares2?AREA=12#C>. Acesso em: 10 mar. 2019

TURRA NETO, Nécio. Geografia cultural, juventudes e ensino de geografia: articulações possíveis. **Formação**, [S. l.], v. 1, n. 20, p. 38-56, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2651>. Acesso em: 10 mar. 2019